



UC/FPCE — 2012

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**Versão portuguesa do Inventário de Diferenciação
do *Self-Revisto*: Estudo exploratório com casais**

José Pedro Dinis de Oliveira
(e-mail: jpedrofpce.uc@hotmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia na Área de Especialização
em Psicologia Clínica e Saúde, Subárea de Sistémica, Saúde e
Família, sob a orientação da Doutora Sofia Major

**Versão portuguesa do Inventário de Diferenciação do *Self*-Revisto:
Estudo exploratório com casais**

Resumo: O presente estudo tem como objetivo principal contribuir quer para os estudos de validade do Inventário de Diferenciação do *Self*-Revisto (IDS-R) para a população portuguesa, quer para um dos primeiros estudos acerca da Diferenciação do *Self* em casais no nosso país. A amostra desta investigação é constituída por 116 casais, com idades compreendidas entre os 19 e os 65 anos de idade, residentes na zona centro do país. Na presente investigação, para além de um Questionário Sociodemográfico, foi utilizada a versão portuguesa do Inventário de Diferenciação do *Self*-Revisto (IDS-R). Os resultados obtidos apontam para a não replicação da estrutura fatorial original do instrumento, associada a um alfa de Cronbach adequado (.704). Relativamente ao estudo mais específico da diferenciação do *Self* em casais, não se encontraram diferenças estatisticamente significativas considerando o resultado total da escala entre o sexo masculino e o feminino.

Palavras-chave: Diferenciação do *Self*, DSI-R, IDS-R, Casais.

**Portuguese version of the Differentiation of Self Inventory-Revised:
An exploratory study with couples**

Abstract: The present study aims at contributing both to the validity studies of the Differentiation of Self Inventory-Revised (DSI-R) for the Portuguese population, either for one of the first studies on the Differentiation of Self in couples in our country. The sample of this research consists of 116 couples, aged between 19 and 65 years old, living in the center of the country. In the present investigation, besides a Sociodemographic Questionnaire, the Portuguese version of the Differentiation of Self Inventory-Revised (IDS-R) was also used. Results obtained pointed for the non replication of the original factor structure of the instrument, associated to an adequate Cronbach's alfa (.704). Regarding the more specific study of the differentiation of Self in couples, no statistically significant differences were found according to the total scale score between males and females.

Keywords: Differentiation of Self, DSI-R, IDS-R, Couples.

Agradecimentos

Agradeço a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para que este trabalho de investigação se tornasse realidade.

Um grande Bem-Haja!

Índice

Introdução	1
I – Enquadramento Conceptual.....	2
1.1. O modelo de diferenciação do Self de Murray Bowen.....	2
1.2. Diferenciação do Self em casais.....	7
1.3. <i>Differentiation of Self Inventory-Revised (DSI-R)</i>	10
II – Objetivos	11
III – Metodologia.....	12
3.1. Amostra.....	12
3.1.1. Seleção e Recolha da Amostra	12
3.1.2. Caracterização da Amostra.....	12
3.2. Instrumentos.....	15
Questionário de Dados Sociodemográficos	15
Inventário de Diferenciação do <i>Self</i> -Revisto (IDS-R).....	15
3.3. Procedimentos de Tratamento de Dados.....	16
IV – Resultados	16
4.1. Estudos de Análise de Itens: Estatísticas Descritivas	16
4.2. Estudos de Validade de Construto: Análise Fatorial Exploratória	18
4.3. Estudos de Precisão: Consistência Interna	21
4.4. Diferenciação do <i>Self</i> em casais: <i>t</i> de <i>Student</i>	22
V – Discussão.....	23
VI – Conclusões	27
Bibliografia	29
ANEXOS.....	33

Índice de Tabelas

Tabela 1. Caracterização da Amostra: Variáveis Sociodemográficas....	13
Tabela 2. Caracterização da Amostra: Variáveis Familiares.....	14
Tabela 3. Estatísticas Descritivas dos Itens e do Resultado Total do IDS-R	17
Tabela 4. Matriz rodada e variância explicada: IDS-R – 4 fatores (Rotação Varimax).....	19
Tabela 5. Correlação item-total corrigida e alfa com eliminação do item – IDS-R.....	21
Tabela 6. Resultado teste <i>t</i> de <i>student</i> : itens e total IDS-R.....	22

Introdução

O estudo apresentado foca-se na Diferenciação do *Self*, um dos conceitos centrais da Teoria dos Sistemas Familiares de Bowen (Bowen, 1978; Jenkins, Buboltz Jr., Schwartz, & Johnson, 2005; Kerr, 1988; Nichols & Schwartz, 2010). A teoria de Bowen, no âmbito da Terapia Familiar, é de extrema relevância, na medida que sustenta de forma elucidativa, a compreensão do desenvolvimento de problemas do foro psicológico numa vertente sistémica e multigeracional (Nichols & Schwartz, 2007; Skowron, 1995).

De modo a operacionalizar o conceito da teoria de Bowen, nomeadamente, a Diferenciação do *Self*, Skowron (1995) desenvolveu e validou para a população americana o *Differentiation of Self Inventory* (DSI), tendo o mesmo sido revisto em 2003, passando a designar-se *Differentiation of Self Inventory-Revised* (DSI-R) (Skowron & Schmitt, 2003), correspondente à versão traduzida, adaptada e validada, para outras culturas e países.

Esta investigação tem como objetivo estudar a Diferenciação do *Self*, com casais, com recurso à versão traduzida do *Differentiation of Self Inventory-Revised* (DSI-R) para a população portuguesa com a denominação de Inventário de Diferenciação do *Self*-Revisto (IDS-R).

A apresentação deste trabalho de investigação encontra-se dividida em várias partes, designadamente, o enquadramento teórico, no qual se realiza uma revisão da literatura da temática deste estudo; exposição dos objetivos; descrição da metodologia para o estudo empírico; apresentação descritiva dos resultados obtidos; discussão dos resultados; e, para terminar, as conclusões e reflexões sobre o estudo, clarificando as vantagens, limitações, e indicações/sugestões para futuras investigações.

Espera-se que este estudo possa contribuir em termos científicos, teóricos e clínicos para os conhecimentos acerca da temática da Diferenciação do *Self*, com casais, em virtude de existirem poucos estudos em Portugal, neste domínio.

I – Enquadramento Conceptual

1.1. O Modelo de Diferenciação do *Self* de Murray Bowen

O contributo da teoria dos sistemas familiares de Murray Bowen para a abordagem sistémica da terapia familiar e conjugal foi basilar na compreensão dos comportamentos humanos, inserido numa descrição mais compreensiva das dinâmicas inter/intra sistemas e subsistemas familiares (Nichols & Schwartz, 2010).

Assim sendo, para Bowen (1978), a diferenciação do *Self*, assenta na capacidade de diferenciar o pensamento das emoções, e ainda, na preservação da autonomia em contextos mais íntimos com os seus entes queridos. Como referem Skowron e Friedlander, a “diferenciação do *Self* é a capacidade de manter o pensamento autónomo e de alcançar um sentido coerente e claro do *Self* num contexto de relações emocionais com as pessoas mais próximas” (1998, p. 237).

Segundo Licht e Chabot (2006), a diferenciação do *Self* consiste na capacidade que os seres humanos têm em auto-regular as emoções e os comportamentos nos relacionamentos relevantes, concedendo-lhes capacidades ao nível relacional, promotoras de um equilíbrio entre a intimidade e o *Self* nas relações intrapessoais.

Bowen desenvolveu e divulgou a sua teoria em torno de duas forças de vida que se contrabalançam: aquelas que ligam as personalidades na união familiar, e aquelas que lutam para se libertar rumo à individualidade. O ideal é que estas duas forças se encontrem em equilíbrio. O desequilíbrio na direção da união é denominado de "fusão", "aglutinação" e "indiferenciação" (Bowen, 1978; Kerr, 2003).

Desta forma, conforme Skowron e Schmitt (2003), a ideia de diferenciação é constituída por duas dimensões distintas, mas interligadas, a dimensão intrapsíquica referente à capacidade de auto-regulação dos sujeitos, ou seja, a capacidade de resposta dos sujeitos em situações de conflito ou de stresse de forma mais emotiva ou racional (Bowen, 1978); enquanto a capacidade de preservar a autonomia e ao mesmo tempo experienciar intimidade com os outros, é referente à dimensão interpessoal. Estas duas dimensões ao facilitarem a separação das emoções e sentimentos, do pensamento, constituem a reação à resposta impulsiva (Skowron & Friedlander, 1998).

Por outro lado, a diferenciação do *Self*, para Bowen (1978), é composta por dois níveis indissociáveis de diferenciação, o nível básico (*Self* básico) que não depende do processo relacional do sujeito mas é determinado pelo processo de separação emocional da família de origem; e o *Self* funcional ou Pseudo *Self* dependente do processo relacional. Segundo Kerr (1988), o nível básico da diferenciação do *Self*, caracteriza-se por não ser permeável à influência dos outros, composto pelas crenças e conhecimentos que não são influenciados pela coerção ou pressão da aprovação dos outros, sendo

estável, pouco influenciado por fatores externos e estabelece-se como o *Self* sólido (Kerr, 1984).

O *Self* básico não é negociável no sistema de relações, nesse sentido, a sua mudança não se efetua através da pressão ou da influência dos outros, assim como, no fortalecimento ou na aprovação de posturas, relativamente aos outros. O *Self* básico é uma qualidade, demonstrada por posturas como a posição do "Eu", conforme refere Rodriguez (2009), cada indivíduo possui e defende as suas crenças e convicções. No entanto, "pode-se mudar o *Self* básico desde que exista aquisição de novos conhecimentos e experiências" (Bowen, 1989, p. 191), sugerindo, de alguma forma, que essa mudança poderia advir de um processo terapêutico destinado a esse objetivo (e.g., experiência de vida traumática ou de grande significado).

Por sua vez, o nível funcional (*Pseudo Self*) é a parte do *Self* que depende do processo relacional e é permeável à influência dos outros, é também relacionado com os conhecimentos e crenças adquiridos na relação com os outros, fator importante da diferenciação funcional (Bowen, 1978; Kerr, 1988). O *Pseudo Self* consiste numa combinação de princípios, crenças, filosofias e conhecimentos adquiridos, para um melhor ajustamento e convivência grupal. À medida que os princípios são adquiridos sob pressão, são superficiais, inconsistentes entre si, e o indivíduo não tem consciência da discrepância. Para Bowen, (1978), o nível funcional do *Self* será maior quando o indivíduo ou o sistema não se encontram numa situação stressante. Acresce que o *Pseudo-Self* é um *Self* fingido, "um índice de *Pseudo-Self* é a forma como as pessoas agem, fingem e utilizam a aparência externa para influenciar os outros e fingir posturas que os fazem parecer mais ou menos capazes ou importantes do que são na realidade" (Bowen, 1989, p. 38).

No decurso do processo de diferenciação será importante que o sujeito adquira um *Self* separado da sua família de origem, mas, preservando a relação com a mesma (Bowen, 1978).

Desta forma, os sujeitos que alcançam sucesso, no processo de diferenciação emocional com a sua família de origem, distinguem com mais rigor os sentimentos e a realidade objetiva, mantendo uma sólida Posição do "Eu" nas relações significativas (Skowron, Holmes, & Sabatelli, 2003). Estes sujeitos denotam a capacidade de lidar com emoções fortes, a incerteza e a ambiguidade, com atitudes relativamente calmas nas relações íntimas (Bowen, 1978). Ao passo que os sujeitos que demonstrem dificuldades neste processo são menos flexíveis e emocionalmente dependentes, revelam propensão à fusão ou ao *Cut-off* emocional com os membros da família (Jenkins, Buboltz, Schwartz, & Johnson, 2005).

Desta forma, Bowen (1978) apresenta oito conceitos interligados que compõem a sua teoria: diferenciação do *Self*, triangulação, processo emocional da família nuclear, processo de projeção familiar, processo de transmissão multigeracional, posição entre irmãos, *Cut-off* emocional e processo emocional na sociedade (Kerr, 2003).

O conceito de **triangulação**, segundo o postulado por Bowen (1978), indica que os relacionamentos emocionalmente importantes entre as pessoas necessitam de um terceiro elemento. Para compreender os triângulos convém lembrar que os relacionamentos não são estáticos. Quaisquer duas pessoas num relacionamento passam por ciclos de proximidade e distanciamento, e, quando estão distantes, os triângulos têm maior possibilidade de se desenvolverem. Estes ciclos refletem não apenas bons ou maus momentos nos relacionamentos, mas também, as necessidades de autonomia e união entre as pessoas. São assim descritos, dois processos básicos que operam na formação dos triângulos. No primeiro, o elemento que experimenta um maior desconforto une-se com outra pessoa como uma forma de ganhar um aliado. No segundo processo, um terceiro elemento, que fica sensibilizado com a ansiedade ou conflito de um dos elementos da díade, move-se entre eles para oferecer tranquilidade ou apaziguar a situação. No entanto, se a tensão se tornar demasiado elevada de forma a ser contida num único triângulo, esta expande-se criando uma série de novas triangulações interconectadas entre si (Kerr, 2003). Esta noção de triangulação é considerada por Calil (1987, p.103) como, “um bloqueador das emoções de um sistema”.

O conceito do **processo emocional da família nuclear** refere-se aos padrões recorrentes das forças emocionais da família de origem. Bowen (1978) originalmente usou o termo "massa indiferenciada do ego familiar" para descrever a unidade ou a fusão emocional nas famílias. A ausência de diferenciação na família de origem conduz a um *Cut-Off* emocional com os pais ou com a família nuclear, o que por sua vez leva à fusão no casal. Quanto menor a diferenciação da *Self* antes do relacionamento de casal, maior a fusão entre o casal. Como esta nova fusão é instável, ela tende a produzir o distanciamento emocional reativo entre o casal, que representa o nível de isolamento ou corte emocional em relação à família alargada ou pessoas emocionalmente importantes. Por outro lado, o conflito conjugal explícita exteriorização da ansiedade de ambos os cônjuges, para a relação de casal, no que concerne à projeção do problema num ou mais filhos, caracterizando-se pela focalização excessiva da ansiedade do casal direcionando-se a indiferenciação para este(s) (Bowen, 1978; Kerr, 2003).

A intensidade destes problemas está relacionada com o grau de indiferenciação, extensão do corte emocional com as famílias de origem e nível de stresse no sistema (Bowen, 1978; Kerr, 2003).

O conceito relativo ao **processo de projeção familiar** descreve o processo pelo qual os pais, transmitem para os seus filhos a sua imaturidade e ausência de diferenciação, conforme expressas no relacionamento. A fusão emocional entre os conjugues cria tensão que conduz ao conflito conjugal, distanciamento emocional ou sobre e sub-funcionamento recíproco. Os efeitos desta projeção, dependentes da intensidade, podem prejudicar o funcionamento emocional do(s) filho(s) (Bowen, 1978; Kerr, 2003).

Para Kerr e Bowen (1988), o desenvolvimento do relacionamento entre o subsistema parental e o subsistema fraternal, em que os pais transmitem

aos filhos a sua imaturidade e indiferenciação através da propagação dos seus próprios problemas emocionais, ao invés de estimular níveis mais elevados de diferenciação, promovem um nível mais baixo de diferenciação.

Relativamente ao **processo da transmissão multigeracional**, este conceito descreve a transmissão do processo emocional da família, que corresponde à passagem do processo emocional familiar através de várias gerações. Em cada geração, a criança mais envolvida na fusão da família move-se em direção a um nível mais baixo de diferenciação, enquanto a criança menos envolvida move-se em direção a um nível mais elevado de diferenciação (Bowen, 1978; Kerr, 2003).

Como referido, por Carter e McGoldrick “O fluxo vertical num sistema inclui padrões de relacionamento e funcionamento que são transmitidos para as gerações seguintes de uma família principalmente através do mecanismo de triangulação emocional..., questões opressivas familiares com os quais nós crescemos... O fluxo horizontal no relacionamento familiar inclui a ansiedade produzida pelo stress na família conforme ela avança no tempo, e lida com as mudanças e transições do ciclo de vida familiar” (1995, pp. 11-12).

Por sua vez, Papero (1998, p. 87) refere-se ao conceito de transmissão multigeracional como “o modo pelos quais os processos de projeção familiar, repetidos de geração em geração durante longos períodos de tempo, levam diferentes ramos de uma família a alcançar níveis mais baixos ou mais altos de diferenciação”.

A **posição entre irmãos** é um conceito baseado na posição dos irmãos na fratria. Bowen (1978) concorda que os filhos desenvolvem algumas características fixas de personalidade, baseadas na posição dos irmãos nas suas famílias. A relação entre os irmãos é encarada como “o primeiro laboratório social, no qual as crianças podem experimentar relações com iguais. Dentro desse contexto, as crianças apoiam, isolam, escolhem um bode expiatório e aprendem umas com as outras” (Minuchin, 1982, p. 63).

A teoria boweniana oferece uma perspetiva interessante para se reconsiderar o conceito familiar da rivalidade entre os irmãos, reconhecendo as complicações triangulares do relacionamento dos irmãos com os seus pais (Bowen, 1978; Kerr, 2003). Tantas são as variáveis envolvidas que a previsão é complexa, mas o conhecimento das características gerais e o conhecimento específico de uma determinada família, é útil na previsão do papel que o filho vai desempenhar no processo emocional da família e na previsão dos padrões familiares, na próxima geração (Bowen, 1978; Kerr, 2003).

Assim sendo, para Bowen (1978), a escolha do parceiro está relacionada com o nível de diferenciação do eu, em que a pessoa tem tendência a escolher para parceiro, alguém com níveis de diferenciação idênticos/semelhantes aos seus. Ainda que, para o mesmo autor a posição na fratria possa prever algumas dificuldades conjugais, pois aqueles que escolhem para cônjuge indivíduos da mesma posição na fratria encontram-se sujeitos a maiores dificuldades de adaptação ao subsistema conjugal, do que

os que escolhem indivíduos de posição complementar na fratria. Desta forma, os irmãos mais velhos adotam normalmente comportamentos de liderança, os mais novos, posturas de seguidores e os do meio espelham comportamentos entre o mais velho e o mais novo, que se patenteiam em características mais funcionais (Bowen, 1978; Kerr, 2003).

O conceito de **Cut-off emocional** descreve a maneira como as pessoas lidam com a indiferenciação (e com a intensidade emocional com ela associada) entre as gerações. Quanto maior for a fusão emocional entre as gerações, maior a probabilidade de rutura. Algumas pessoas procuram essa rutura, mudando-se para longe dos pais, outras fazem-no emocionalmente, evitando temas pessoais na conversa ou isolando-se na presença de outras pessoas, ainda assim, os problemas mantêm-se encobertos ou por resolver, podendo, desta forma, transportar para as novas relações as mesmas problemáticas (Bowen, 1978).

Quanto ao conceito de **processo emocional na sociedade**, este refere-se à influência que o meio envolvente exerce no processo emocional das famílias, como uma influência básica que molda o seu comportamento social, e se encontra ligado ao *Pseudo-Self* dos sujeitos. O conceito de processo emocional social é descrito como um aumento prolongado da ansiedade social, que pode resultar numa redução gradual do nível funcional da diferenciação nas famílias (Bowen, 1978).

Para poder compreender o processo de amadurecimento do sujeito nos processos relacionais, Bowen (1978) desenvolveu uma escala de diferenciação do *Self*, com valores compreendidos entre 0 e 100, com uma importância mais teórica do que classificativa, subdividida em quatro quadrantes. No primeiro quadrante (valores entre 0-25), a diferenciação do eu é mínima. Os sujeitos pertencentes a este quadrante são mais sentimentais e dependentes dos outros, com dificuldade em distinguir a emoção da razão, evidenciando mais reatividade emocional. Os sujeitos que pertencem ao segundo quadrante (valores entre 25-50) são pouco diferenciados, facilmente influenciados e não mostram opinião própria. No terceiro quadrante (valores entre 50-75), encontram-se os sujeitos bem diferenciados, que assumem a Posição do “Eu” de uma forma evidente, apoiando-se menos no julgamento dos outros. No último quadrante (valores entre 75-100), estão os sujeitos dotados de absoluta maturidade, com elevado grau de independência, com opinião bem definida, responsáveis pelos seus atos e tolerantes a opiniões divergentes.

Neste sentido, numa perspetiva sistémica, o homem é entendido como um ser que está inserido num sistema basilar que corresponde à família. É a família que situa e legitima o indivíduo no seu espaço social, assumindo o protótipo da sua identidade social (Cervany, 2000). Composto um sistema e sendo formada por diversos subsistemas, a família constrói-se como entidade com capacidade de organização e de estruturação nas interações humanas, e para tal, cumpre o papel de suporte para que os seus elementos possam desenvolver as fases de individuação e de pertença, fundamentais para a formação de novos sistemas familiares (Minuchin & Fishman, 2003).

Neste sentido, e segundo Relvas (1996, p. 17), “A família terá que resolver com sucesso duas tarefas, também elas essenciais: a criação de um sentimento de pertença ao grupo e individualização/autonomização dos seus elementos”.

Para Minuchin (1990, p. 57) a família tem a sua origem “mergulhada em anos de negociações explícitas e implícitas entre os membros da família, frequentemente em torno de pequenos eventos quotidianos”. No entanto, estas relações organizam-se para que exista um desenvolvimento entre os membros e no interior de cada um, ou seja, dentro do próprio sistema familiar, onde coincide com a estrutura da família, caracterizando na prática o conjunto de interações preferenciais (Minuchin, 1979).

1.2. Diferenciação do *Self* em Casais

Segundo Whitaker e Bumberry (1990), a família começa pela formação de um casal e a visão de que duas culturas e dois contextos familiares se unem, e que desta forma, se facilita a compreensão da complexidade do que é uma família, e da necessidade de vê-la sempre dentro de um contexto, para não anular a sua singularidade. A opção pelo casamento, como vínculo propiciador de compromisso em criar uma família, passa pela aceitação e construção a partir do *eu* e do *tu* no *nós*, como possibilidade de integração de duas pessoas que trazem os seus valores e padrões, a partir das suas famílias de origem.

Para Alarcão (2000), desde a formação do casal até às diversas fases por que passa a família, com a chegada dos filhos, com os filhos em idade escolar e por fim os filhos na idade adulta saindo de casa, o subsistema conjugal é o eixo da família. A importância da fase da formação do casal está na definição das fronteiras que serão estabelecidas para a proteção e sobrevivência desse subsistema. Se o subsistema conjugal conseguir lidar com as oscilações internas e externas suscetíveis a todo o sistema aberto, naturalmente, será possível a formação de outros subsistemas no sistema familiar. Para cada fase vivenciada pela família, o grau de exigência é diversificado e quanto mais estruturado se encontrar o subsistema conjugal, mais fácil será a adaptação face às vicissitudes com que se deparam, ao longo da vida (Minuchin & Fishman, 1990).

Segundo Cerveny e Berthoud (2002), sendo a família também um sistema plurigeracional, na qual o indivíduo é, em concomitância, uma parte e um todo de um sistema maior, que por sua vez pertence a sistemas maiores, num processo contínuo de comunicação e intervenção, podemos tentar compreendê-la quanto à estrutura, funcionamento e dinâmica, etapa do ciclo vital, origens étnicas e raciais e à inserção cultural e social.

Desta forma, "o desenvolvimento familiar reporta-se à mudança da família enquanto grupo, bem como às mudanças nos seus membros individuais, ao nível de três componentes: funcional, interacional e estrutural. Contudo, o carácter desenvolvimentista desta abordagem reside especificamente na identificação de uma sequência previsível de

transformações na organização da vida familiar, em função do cumprimento de tarefas bem definidas; a essa sequência dá-se o nome de ciclo vital e essas tarefas caracterizam as suas etapas" (Relvas, 1996, p. 16). No seio de uma família podemos encontrar, essencialmente, quatro subsistemas: o individual, o parental, o conjugal e o fraternal (Minuchin, 1979), na qual referenciaremos apenas o subsistema individual e conjugal, atendendo ao objeto de estudo: a diferenciação do *Self* em casais.

A família e os seus constituintes incluem-se num encadeamento em constante mutação, seguindo as etapas do ciclo vital, reproduzindo-se em novas famílias, acabando o seu ciclo vital com a morte de alguns elementos, constituindo novos agregados familiares (Alarcão, 2000).

O subsistema individual é constituído pelo próprio indivíduo e que ao mesmo tempo desempenha outras funções e papéis noutros sistemas, concebendo-lhe um certo dinamismo, que se reflete no seu desenvolvimento pessoal e nos diferentes contextos onde se encontra inserido (Alarcão, 2000).

Assim sendo, Minuchin (1979) é explícito quando refere que esta transição do indivíduo para o casal se faz através da negociação e do estabelecimento de normas, de modo mais ou menos formal, mais ou menos consciente, a fim de se definir uma estrutura base das interações conjugais que integre e articule as normas herdadas de cada família de origem, bem como, as expectativas e valores de cada um dos indivíduos.

O subsistema conjugal é constituído pelo casal. A formação do casal inclui, por um lado, a perda de individualidade, e por outro, um ganho em sentimento de pertença, complementaridade, cooperação, simbiose, reciprocidade e competição, o que não significa perda de respeito pelo outro (Alarcão, 2000).

Na constituição do casal deve existir alguma fusão. Desta forma, entende-se por Fusão a decomposição das fronteiras entre o *Self* e o outro, a incapacidade de estabelecer um "Eu" num "Nós" e um alto nível de identificação e dependência dos outros (Karpel, 1976; Mendelsohn, 1978; Sabatelli & Mazor, 1985 citados por Anderson & Sabatelli, 1990).

McGoldrick e Carter (1982) apresentam algumas inovações ao longo da década de 80. Partindo da perspetiva sistémica multigeracional de Bowen (1988), vão para além da designação de família nuclear abarcando aspetos trigeracionais na abordagem do desenvolvimento familiar. Assim, o primeiro estágio do ciclo vital da família que demarcam é "entre famílias: jovem adulto independente". Minuchin e Fishman (1990) propõem quatro etapas para o ciclo vital da família: formação do casal; família com filhos pequenos; família com filhos na escola ou adolescentes e família com filhos adultos.

As diferentes fases do ciclo vital referidas por Relvas (1996) são relevantes para quem pretender fazer uma intervenção, interagir e investigar a(s) família(s), designadamente: a formação do casal, a família com filhos pequenos, a família com filhos na escola, a família com filhos adolescentes e a família com filhos adultos.

Segundo a autora, a formação do casal coincide com o início do tempo de vida da família surgindo com o nascimento da família nuclear, com a convivência de determinados contextos, mormente o físico, o psicológico e o social, na expectativa de se adaptar a uma vida a dois e de ter filhos, por este motivo, equivale à primeira etapa do seu ciclo vital. Assim, "a família não nasce do nada, para se formar, transforma em património comum o que é pertença de dois... com base na negociação e renegociação" (Relvas, 1996, p. 34).

Considerando o objetivo deste estudo, serão apresentados alguns dos pressupostos de Bowen, no que concerne, à diferenciação do *Self* em casais.

Bowen (1978) considera que a sua teoria dos sistemas familiares, é organizada segundo vários pressupostos, para a explicação do desenvolvimento e funcionamento do sujeito e da família, numa ótica intergeracional, com referência ao sistema emocional familiar.

O mesmo autor considera, ainda, a diferenciação do *Self*, como basilar no funcionamento saudável dos indivíduos. Segundo Williamson e Bray (1988), os indivíduos com maior nível de diferenciação têm maior capacidade para lidar com o stresse e a ansiedade sem desenvolver comportamentos sintomáticos, assim, e conforme postula Bowen, quanto menor a diferenciação, menor a adaptabilidade do indivíduo em situações que provoquem stresse (Kerr, 1988), ou seja, os níveis de diferenciação do *Self* encontram-se contrariamente relacionados aos problemas de saúde físicos e psicológicos (Miller, Anderson, & Keala, 2004).

Se considerarmos que os sujeitos escolhem para namoro/casamento pessoas semelhantes no que toca ao nível de diferenciação do *Self*, Bowen e Kerr (1988, citados por Miller et al., 2004) consideram que esta influência advém do facto de cada elemento da díade conjugal evidenciar igual necessidade de reforço emocional na relação entre ambos.

Segundo o pressuposto de Bowen (1978), quando a díade conjugal apresenta níveis baixos de diferenciação do *Self*, poderá ocorrer fusão emocional entre o casal, potenciando conflitos ou problemas conjugais. Esta é a forma de lidar com a ansiedade advinda da fusão emocional, ocasionando ciclicamente períodos de proximidade, e períodos de conflito intenso, na díade conjugal. Conforme demonstrado por, Miller e colaboradores (2004), a diferenciação do *Self*, entre casais associa-se positivamente com a satisfação conjugal, ao encontrar-se negativamente relacionada com os conflitos conjugais.

Neste sentido, diversos investigadores procuraram estudar e compreender a diferenciação do *Self* em casais.

Skowron (2000) desenvolveu um estudo sobre o papel da diferenciação do *Self* na adaptação conjugal, em que foi analisada a utilidade da teoria familiar sistémica de Bowen na qualidade da vida conjugal. Os resultados obtidos confirmaram que casais com menos reatividade emocional, menos corte emocional e fusão com os outros, entre si, ajustam melhor a posição do "eu", sendo mais diferenciados, experienciando uma melhor satisfação conjugal. Estes resultados validam o construto de Bowen de que os casais

com maiores habilidades de ajustamento e intimidade um com o outro e que continuam a preservar a sua individualidade, apresentarão uma boa satisfação conjugal.

Miller e colaboradores (2004) realizaram uma revisão bibliográfica à teoria de Bowen, na qual foi suportada uma correlação entre diferenciação *do Self*, ansiedade crónica e angústia psicológica com o ajustamento e satisfação conjugal. Não tendo sido validado neste estudo, que as pessoas casam com indivíduos com o mesmo nível de diferenciação, conforme a assunção de Bowen.

Por sua vez, o estudo realizado por Peleg (2008), em Israel, encontrou diferenças significativas em casais, nos níveis de satisfação conjugal, reatividade emocional, corte emocional e fusão com os outros. As diferenças no género mostraram níveis elevados de satisfação conjugal, reatividade emocional e fusão com os outros, nas mulheres; e níveis elevados de corte emocional nos homens. Relativamente à relação entre o nível de satisfação e a duração da relação conjugal, nos homens a satisfação aumenta com o tempo e nas mulheres diminui com o passar do tempo.

Mais recentemente, Rodríguez (2009) realizou uma investigação sobre a relação entre a diferenciação *do Self*, satisfação marital e funcionamento familiar, representando o primeiro estudo de adaptação do DSI-R para a população espanhola. Os resultados obtidos indicam que os valores médios globais da escala e subescalas do DSI-R são similares aos da população norte americana, assim sendo, este estudo valida a hipótese da universalidade da teoria do Bowen e ainda de que as pessoas escolhem para parceiro pessoas com o mesmo nível de diferenciação. Nesta investigação, os resultados dos estudos de análise fatorial não confirmaram os quatro fatores propostos por Skowron e Schmitt (2003).

1.3. *Differentiation of Self Inventory-Revised (DSI-R)*

“O DSI-R foi desenvolvido de forma a permitir operacionalizar as dimensões intrapsíquicas e interpessoais do conceito de Diferenciação *do Self* de Bowen” (Skowron, Van Epps, & Cipriano, in press, p. 6).

Com vista a operacionalizar o postulado de Bowen (1978), em que as pessoas que apresentam níveis de Diferenciação *do Self* elevados, mostram menos Reatividade Emocional, menos Fusão com os Outros, menos *Cut-off* Emocional e uma maior Posição do “Eu” nas relações, foi construído e desenvolvido por Skowron e Friedlander (1998) denominado de *Differentiation of Self Inventory* (DSI), um inventário de auto-resposta com 43 itens destinado a avaliar a diferenciação *do Self*. Com o intuito de melhorar as suas propriedades psicométricas o DSI foi revisto em 2003, com recurso a uma amostra de 225 indivíduos adultos, os quais responderam a uma versão do DSI com algumas alterações ao nível da subescala de Fusão com os Outros, tendo a partir deste estudo 46 itens e a denominação de *Differentiation of Self Inventory-Revised* (DSI-R) (Skowron & Schmitt, 2003).

O DSI-R apresenta quatro subescalas, avaliativas de cada uma das dimensões da diferenciação consideradas (Skowron & Friedlander, 1998; Skowron, Van Epps, & Cipriano, in press): Reatividade Emocional (RE), Posição do “Eu” (PE), que postulam a dimensão intrapsíquica da diferenciação do *Self*, Fusão com os Outros (FO) e *Cut-off* Emocional (CE), referentes à dimensão interpessoal da diferenciação do *Self* (Charles, 2001; Knauth & Skowron, 2004; Skowron & Friedlander, 1998; Skowron, Van Epps, & Cipriano, in press).

Os estudos de precisão do DSI-R na população norte americana (Skowron & Schmitt, 2003), relativos à consistência interna, traduzem um alfa de Cronbach de .92 para a escala total. Para as quatro subescalas: RE = .89 (11 itens, em que uma pontuação alta indica uma menor RE e uma maior diferenciação do *Self*); PE = .81 (11 itens, em que uma pontuação alta indica uma maior capacidade de adotar uma posição do “Eu” e uma diferenciação mais elevada); CE = .84 (12 itens, em que pontuações altas indicam menos CE e maior diferenciação); e FO = .86 (12 itens, em que pontuações altas significam menor Fusão e maior diferenciação do *Self*).

Cada item é cotado numa escala de tipo *Likert*, de 1 (*Nada verdadeiro para mim*) a 6 (*Muito verdadeiro para mim*). O cálculo dos resultados para a escala total e respetivas subescalas do DSI-R faz-se dividindo os totais de cada subescala pelo número de itens que a compõem (Skowron & Schmitt, 2003; Skowron et al., in press).

Em Portugal também já foram realizados alguns estudos com o DSI-R. Miranda (2011) e Rousselot (2011) realizaram uma investigação com vista à adaptação e validação do DSI-R para a população portuguesa. O valor de alfa de Cronbach obtido para a escala total foi de .858, traduzindo-se num valor favorável para efeitos de investigação (Pestana & Gageiro, 2003). Nesta investigação, não foram confirmados os quatro fatores propostos por Skowron e Schmitt (2003), ainda assim, pelo facto da proximidade cultural e geográfica, foram obtidos resultados próximos aos do estudo realizado por Rodriguez (2009) para a população espanhola.

II – Objetivos

O presente estudo tem como objetivo principal contribuir quer para os estudos de validade do Inventário de Diferenciação do *Self*-Revisto (IDS-R) para a população portuguesa, quer para um dos primeiros estudos acerca da Diferenciação do *Self* em casais no nosso país. Assim sendo, foram delineados os seguintes objetivos específicos:

- (a) Efetuar estudos dos itens do IDS-R.
- (b) Realizar estudos de evidência de precisão (consistência interna).
- (c) Proceder aos estudos de evidência de validade de construto (análise fatorial), para verificar se os fatores obtidos no IDS-R numa amostra de casais correspondem aos obtidos no estudo com a população geral portuguesa (Miranda, 2011; Rousselot, 2011).
- (d) Analisar a diferenciação do *Self* em casais.

III – Metodologia

3.1. Amostra

3.1.1. Seleção e Recolha da Amostra

Neste estudo recorreu-se a uma amostragem por conveniência.

A recolha da amostra decorreu no período compreendido entre fevereiro e maio de 2012, perfazendo um total de 500 protocolos de investigação entregues, tendo apenas sido devolvidos 268 (53.6%) dos protocolos distribuídos.

Foram estabelecidos os seguintes critérios de inclusão na amostra: sujeitos com idades a partir dos 18 anos; serem de nacionalidade portuguesa; encontrarem-se numa relação de casal; e ter lido e assinado a folha do consentimento informado.

A entrega e recolha do protocolo foi realizada presencialmente, sendo o protocolo entregue e preenchido, nalguns casos com o apoio do investigador, este procedimento foi realizado faseadamente, de forma a tentar garantir a fidedignidade e individualidade no preenchimento dos protocolos. Assim, foi entregue em primeiro um protocolo a um dos elementos do casal para preenchimento, e apenas após a recolha deste primeiro protocolo, entregue ao outro elemento do casal o segundo protocolo para preenchimento deste, recolhido no momento ou passados uns dias.

3.1.2. Caracterização da Amostra

A Tabela 1 representa a caracterização da amostra deste estudo que compreende um total de 116 casais (232 sujeitos), sendo 50% homens ($n = 116$) e 50% mulheres ($n = 116$), com idades compreendidas entre os 19 e os 65 anos, com uma média de idades de 38.59 anos para as mulheres e de 40.16 anos para os homens.

Para a categorização das faixas etárias foi adotado o critério do Instituto Nacional de Estatística (INE) (2002; 2003) atendendo à distribuição da nossa amostra, sendo as que mais se destacam a dos 36-45 anos e a dos 46-55 anos com 23.7%, para cada uma.

De modo a facilitar as análises, e dada a reduzida representatividade de algumas categorias, optamos por agrupar os casados com os sujeitos em união de facto numa categoria. Sendo que, no que concerne ao estado civil, 62.9% dos sujeitos são casados ou vivem em união de facto (tendo sido os viúvos incluídos no mesmo grupo dos divorciados e separados, por todos eles incluírem uma situação de rutura).

Tabela 1
Caracterização da Amostra: Variáveis Sociodemográficas

Variáveis	Categorias	Sexo Masculino (n=116)		Sexo Feminino (n=116)		Total (N=232)	
		n	%	n	%	n	%
Faixa Etária	19-25	23	19.8	24	20.7	47	20.3
	26-35	23	19.8	25	21.6	48	20.7
	36-45	25	21.6	30	25.8	55	23.7
	46-55	30	25.9	25	21.6	55	23.7
	56-65	15	12.9	12	10.3	27	11.6
Estado Civil	Solteiro	36	31.0	36	31.0	72	31.0
	Casado/União de facto	73	63.0	73	63.0	146	62.9
	Divorciado/Separado/Viúvo	7	6.0	7	6.0	14	6.0
Área Residência	APU	110	94.8	110	94.8	220	94.8
	AMU	5	4.3	6	5.2	11	4.7
	APR	1	0.9	-	-	1	0.4
Nível Escolaridade	Ensino Básico	1	0.9	1	0.9	2	0.9
	Ensino Secundário	38	32.8	33	28.4	71	30.6
	Ensino Superior	77	66.3	82	70.7	159	68.5
Atividade Profissional	Forças Armadas	5	4.3	-	-	5	2.1
	Quadros Superiores/Dirigentes	19	16.4	4	3.4	23	9.9
	Profissões Intelectuais/Científicas	42	36.2	55	47.4	97	41.8
	Técnicos/Profissionais Intermédios	15	12.9	12	10.3	27	11.6
	Pessoal Administrativo	1	0.9	8	6.9	9	3.9
	Serviços e Vendedores	4	3.4	4	3.4	8	3.4
	Operadores/Instalação Máquinas	2	1.8	-	-	2	0.9
	Estudantes	23	19.8	24	20.7	47	20.3
	Reformado	5	4.3	6	5.2	11	4.8
Desemprego	-	-	3	2.7	3	1.3	
NSE	Baixo	12	10.3	11	9.5	23	9.9
	Médio	52	44.9	49	42.3	101	43.5
	Elevado	24	20.7	23	19.8	47	20.3

A totalidade da amostra é proveniente da região centro do país, sendo que, 94.8% reside numa área predominantemente urbanas (APU)¹.

Relativamente ao nível de escolaridade, este foi definido para o nosso estudo em três níveis: ensino básico, secundário e superior. Como se pode observar na Tabela 1, a maioria dos sujeitos da nossa amostra apresenta um elevado nível de escolaridade, tendo concluído o ensino superior 68.5% dos sujeitos, denotando-se uma ligeira superioridade na qualificação académica ao nível superior nas mulheres face aos homens (66.3 vs. 70.7%, respetivamente).

Na descrição das categorias profissionais segundo a classificação utilizada pelo INE (2003), a com maior expressão é a das Profissões Intelectuais e Científicas (41.8%) denotando-se um maior peso destas atividades por parte das mulheres do que dos homens. Apesar de não representar uma categoria profissional, encontramos na nossa amostra uma

¹ Segundo a classificação do INE (2003), a área de residência é classificada da seguinte forma: Área Predominantemente Urbana (APU), Área Mediamente Urbana (AMU) e Área Predominantemente Rural (APR).

elevada percentagem de estudantes (20.3%).

Quanto ao nível socioeconómico (NSE) da amostra, verifica-se que 43.5% pertencem a um NSE médio².

A Tabela 2 exhibe as variáveis da amostra, no que concerne às variáveis familiares: composição do agregado familiar, número de filhos, etapa do ciclo vital, tipo e duração da relação, bem como, satisfação na relação.

Tabela 2

Caracterização da Amostra: Variáveis Familiares

Variáveis	Categorias	Sexo Masculino (n=116)		Sexo Feminino (n=116)		Total (N=232)	
		n	%	n	%	n	%
		Agregado Familiar	Com Conjugue/Companheiro	7	6.0	7	6.0
Com Conjugue/Companheiro e filho(s)	66		56.9	66	56.9	132	56.9
Com Conjugue/Companheiro e filho(s) e outros familiares	4		3.4	4	3.4	8	3.4
Famílias Monoparentais	4		3.4	5	4.3	9	3.9
Outras formas de família	35		30.3	34	29.4	69	29.7
Filhos	Sem filhos	40	34.5	39	33.6	79	34.1
	1 Filho	43	37.1	43	37.1	86	37.1
	2 Filhos	29	25.0	30	25.9	59	25.4
	3 ou mais Filhos	4	3.4	4	3.4	8	3.4
Etapa Ciclo Vital	Formação do Casal	4	3.4	4	3.4	8	3.4
	Família com filhos pequenos	10	8.6	10	8.6	20	8.6
	Família com filhos na escola	6	5.2	6	5.2	12	5.2
	Família com filhos adolescentes	24	20.7	24	20.7	48	20.7
	Família com filhos adultos	71	61.2	72	62.1	143	61.6
	Outras formas de família	1	0.9	-	-	1	0.4
Tipo Relação	Namoro	41	35.3	41	35.3	82	35.3
	Primeiro Casamento	71	61.2	69	59.5	140	60.3
	Segundo Casamento	1	0.9	3	2.6	4	1.7
	União de Facto	3	2.6	3	2.6	6	2.6
Duração Relação	Menos de 1 ano	16	13.8	16	13.8	32	13.8
	1 a 10 anos	36	31.0	36	31.0	72	31.0
	11 a 25 anos	41	35.4	41	35.4	82	35.3
	Mais de 25 anos	23	19.8	23	19.8	46	19.8
Satisfação Relação	Sim	110	94.8	110	94.8	220	94.8
	Não	6	5.2	6	5.2	12	5.2

Quanto à composição do agregado familiar, verificou-se que 56.9% formam um casal que integra uma família com filhos, que 3.9% constituem famílias monoparentais (pai/mãe com filho(a)s) e 29.7% da amostra pertencente à categoria de outras formas de família da amostra vivem sozinhos ou com amigos, ainda nesta categoria foram inseridos os sujeitos com relação de namoro que coabitam ainda com a sua família nuclear (pai/mãe e irmão(a)s), ou família alargada.

² Para a classificação do NSE recorreu-se à utilizada por Simões (2000). Que tem em conta o cruzamento das variáveis profissão e habilitações literárias dos sujeitos.

Em termos de parentalidade, 37.1% têm um filho e 34.1% não têm filhos.

No que se refere à etapa do ciclo vital familiar, procedeu-se à sua classificação conforme Relvas (1996), desta forma, 61.6% encontra-se na etapa da família com filhos adultos. Esta classificação não se aplica a 0.4% da amostra, nomeadamente, pessoas solteiras, divorciadas, separadas ou viúvas, que não têm filhos e que vivem sozinhas.

Os dados indicam que 60.3% dos sujeitos da amostra encontram-se no primeiro casamento, estando com uma ligeira maior representatividade nos homens.

Referimos ainda que 35.3% têm uma relação com uma duração entre os 11 e os 25 anos.

Acrescentamos que a maioria dos casais da nossa amostra relata estar satisfeito com a sua relação (94.8%) e apenas 5.2% não se encontra satisfeito com a sua relação de casal.

3.2. Instrumentos

Para o presente estudo, foram utilizados dois instrumentos de avaliação: o Questionário de Dados Sociodemográficos e o Inventário de Diferenciação do *Self-Revisto* (IDS-R). O protocolo foi acompanhado por uma folha de rosto alusiva ao consentimento informado, com informação referente ao objeto do estudo, bem como, informação relativa à participação voluntária no estudo, garantindo o anonimato e a confidencialidade dos dados facultados (cf. Anexo A).

Questionário de Dados Sociodemográficos

Com o objetivo de recolher dados que pudessem caracterizar a amostra, desenvolveu-se um questionário de dados sociodemográficos, composto da seguinte forma: dados pessoais (e.g., idade, género, estado civil, nacionalidade, residência, escolaridade e profissão); composição do agregado familiar (e.g., composição do agregado familiar, filhos, número de filhos); relações interpessoais (e.g., tipo de relação, duração da relação e satisfação na relação).

Algumas questões obedecem a um formato de escolha múltipla (e.g., tipo de relação e duração da relação) e outras são de resposta curta (e.g., nível de escolaridade e profissão) (cf. Anexo B).

Inventário de Diferenciação do *Self-Revisto* (IDS-R)

A versão portuguesa do DSI-R, Inventário de Diferenciação do *Self-Revisto* (IDS-R) é um inventário de auto-resposta, constituído por 46 itens, cuja a versão norte americana se encontra subdividida em quatro subescalas: Reatividade Emocional (RE), Posição do “Eu” (PE), *Cut-off* Emocional (CE) e Fusão com os Outros (FO), com o objetivo de avaliar a Diferenciação do *Self* (Skowron & Schmitt, 2003) (cf. Anexo C). A versão portuguesa foi sujeita a um rigoroso processo de tradução e adaptação, com respetiva retroversão de dois tradutores independentes e revisão de uma das autoras da

versão americana (Elisabeth Skowron) e já foram realizados dois estudos com esta versão (Miranda, 2011; Rouselot, 2011).

Os respondentes são convidados a classificar cada item numa escala do tipo *Likert*, de 6 pontos, que varia entre 1 (*Nada verdadeiro para mim*) e 6 (*Muito verdadeiro para mim*). O cálculo dos resultados para a escala total e respetivas subescalas do IDS-R faz-se dividindo os totais de cada subescala pelo número de itens que a compõem (Skowron & Schmitt, 2003; Skowron et al., in press), tal como, o DSI-R.

Realçamos o facto de as subescalas não terem sido objeto de estudo nesta investigação.

3.3. Procedimentos de Tratamento de Dados

A partir de março de 2012, e após a construção da base de dados, com recurso ao *Statistical Package for the Social Sciences (SPSS 17, versão 17.0)* (SPSS Inc, 2008), foram sendo inseridos apenas os protocolos válidos, nos quais se excluíram, todos aqueles que não reunissem os critérios de inclusão definidos, ou que não estivessem completamente preenchidos, a amostra foi apenas constituída por sujeitos da região centro, em virtude, de apenas termos nesta amostra quatro protocolos pertencentes a casais de outras regiões, que foram excluídos, assim sendo, foram apurados 232 protocolos válidos.

Entre maio e junho de 2012 foram concretizadas as análises estatísticas, particularmente:

- (a) Estatísticas descritivas dos itens e do resultado total do IDS-R, (média, desvio-padrão, moda, amplitude, assimetria e curtose);
- (b) Estudos de análise fatorial exploratória, IDS-R – 4 fatores (Rotação Varimax);
- (c) Estudo da consistência interna, através do alfa de Cronbach;
- (d) Teste *t* de *student* para amostras independentes para verificação da existência de diferenças estatisticamente significativas ao nível da diferenciação do *Self* em casais.

IV – Resultados

4.1. Estudos de Análise de Itens: Estatísticas Descritivas

Na Tabela 3 encontram-se expostas as estatísticas descritivas para os 46 itens que compõem o IDS-R, designadamente: média, desvio-padrão, moda, amplitude, assimetria e curtose, bem como, o total do IDS-R.

Tabela 3
Estatísticas Descritivas dos Itens e do Resultado Total do IDS-R

Item	M	DP	Moda	Amplitude	Assimetria	Curtose
1	2.62	1.22	2	1-6	0.67	-0.01
2	2.28	1.15	2	1-6	1.11	1.01
3	2.00	0.96	2	1-6	1.04	1.31
4	3.51	1.36	3	1-6	0.10	-0.93
5	2.35	1.13	2	1-6	0.96	0.97
6	3.17	1.41	2	1-6	0.60	-0.69
7	4.79	1.16	5	1-6	-1.33	1.65
8	2.25	0.95	2	1-6	0.85	1.05
9	3.66	1.69	5	1-6	-0.09	-1.31
10	2.72	1.32	2	1-6	0.67	-0.26
11	4.09	1.41	5	1-6	-0.40	-0.90
12	2.37	1.32	2	1-6	1.34	1.39
13	2.37	1.08	2	1-6	0.79	0.31
14	2.59	1.05	2	1-6	0.65	0.47
15	3.80	1.17	4	1-6	-0.44	-0.63
16	2.09	0.95	2	1-6	1.10	2.27
17	2.36	1.26	2	1-6	1.11	0.75
18	3.19	1.37	3	1-6	0.41	-0.57
19	4.41	1.36	5	1-6	-0.85	-0.03
20	2.20	0.97	2	1-6	0.99	1.38
21	2.79	1.10	2	1-6	0.60	0.03
22	3.60	1.65	5	1-6	-0.08	-1.33
23	4.82	1.06	5	2-4	-1.01	0.69
24	2.68	1.36	2	1-6	0.89	0.16
25	4.46	1.13	5	1-6	-0.62	-0.15
26	3.04	1.25	2	1-6	0.73	-0.30
27	3.88	1.33	3	1-6	0.08	-1.17
28	2.18	0.85	2	2-4	0.54	0.24
29	3.18	1.45	2	1-6	0.24	-0.98
30	3.12	1.24	3	1-6	0.51	-0.23
31	2.16	1.27	2	1-6	1.40	1.55
32	2.56	1.26	2	1-6	0.55	-0.32
33	2.45	0.97	2	1-6	0.55	0.35
34	3.16	1.30	3	1-6	0.10	-0.76
35	2.11	1.07	2	1-6	1.18	1.19
36	2.01	1.01	2	1-6	1.33	2.36
37	3.84	1.45	5	1-6	-0.21	-1.19
38	2.59	1.23	2	1-6	0.68	-0.18
39	2.84	1.32	3	1-6	0.42	-0.35
40	2.77	1.28	2	1-6	0.57	-0.36
41	4.73	1.10	5	1-6	-1.07	0.88
42	2.59	1.39	2	1-6	1.00	0.30
43	3.35	1.28	3	1-6	0.37	-0.55
44	3.03	1.39	2	1-6	0.61	-0.63
45	3.05	1.51	2	1-6	0.37	-0.89
46	2.05	0.84	5	1-6	-1.19	1.65
IDS-R	4.15	0.37	4	-	-0.22	0.31

A média mais elevada corresponde ao item 23 ($M = 4.82$) “Aceito-me bastante bem”; e a mais baixa ao item 3 ($M = 2.00$) “Sinto-me frequentemente inibido(a) junto da minha família”.

Quanto ao desvio-padrão, o valor mais elevado reporta-se ao item 9 ($DP = 1.69$) “Quero corresponder às expectativas que os meus pais têm de

min”; e o mais baixo é relativo ao item 28 ($DP=0.85$) “Quando uma das minhas relações se torna muito intensa sentem o impulso de fugir dela”.

A análise da Tabela 3 permite-nos ainda inferir que os valores da moda oscilam entre 1 e 6 para os 46 itens do IDS-R, sendo 2 o valor da moda mais comum.

Relativamente à amplitude verifica-se que todos os itens pontuam de 1 a 6, à exceção dos itens 23 e 28 que pontuam entre (2 e 4).

No que diz respeito à assimetria, a maioria dos itens apresenta um valor positivo, destacando-se maior afastamento para os itens 7, 12, 31 e 36.

Relativamente aos valores da curtose (achatamento da curva da distribuição dos resultados), podem assinalar-se os itens 7, 12, 16, 20, 22, 31 e 46 que apresentam os valores mais afastados do zero.

4.2. Estudos de Validade de Construto: Análise Fatorial Exploratória

De forma a possibilitar determinar a estrutura fatorial do IDS-R, realizou-se uma análise exploratória dos componentes. Recorreu-se ao procedimento de *Rotação Varimax*, conforme Pestana e Gageiro (2003), a rotação dos fatores por este método, permite que os mesmos se tornem mais explicáveis, em virtude de retirarem os valores intermédios.

Em alusão ao tamanho da amostra ($N=232$) teve-se o cuidado de procurar recolher uma amostra que satisfizesse uma média cinco sujeitos para cada item da escala (46 itens). Este rácio é considerado por Pallant (2003) como satisfatório para a realização da análise fatorial com algum grau de confiança, permitindo garantir que numa segunda análise os mesmos fatores se mantenham.

A verificação da fatoriabilidade do IDS-R realizou-se através do teste Kaiser-Meyer-Olkin, que mede a adequação da amostra e do teste da esfericidade de Bartlett. O resultado obtido no teste de Kaiser-Meyer-Olkin traduziu-se no valor de .746, favorável à realização da análise fatorial. O resultado do teste de esfericidade de Bartlett revelou um resultado significativo ($\chi^2= 5561.614$; $gl = 1035$; $p<.001$), indicativo que as variáveis são correlacionáveis.

Assim sendo, efetuou-se a extração dos componentes, tendo sido apurados 14 fatores explicativos de 72.25% da variância total. Os 14 fatores apurados correspondem ao critério de *eigenvalues* superiores a 1, contudo, este critério indica um número elevado de fatores a reter. Assim sendo, para a retenção de um número mais reduzido de fatores, procedeu-se à análise do *scree plot* (gráfico dos valores próprios por cada componente. Valores próprios que se aproximam do zero, formando uma reta quase horizontal, desta forma, excluem-se as componentes mais afastada do zero e incluem-se as mais próximas). A análise do *scree-plot* (cf. Anexo D) que segundo Pestana e Gageiro (2003), é o gráfico representativo da variância pelo número de componentes, em que os pontos com maior declive indicam qual do número apropriado de componentes a reter.

Com base na análise destes dados e de forma a averiguar se era possível replicar a estrutura composta por 4 fatores (tanto da versão norte-americana como nos primeiros estudos com a versão portuguesa), decidiu-se proceder à extração e rotação de quatro fatores (conforme obtido por Skowron e Schmitt (2003), para o DSI-R explicativos de 26.2% da variância).

Tabela 4

Matriz rodada e variância explicada: IDS-R – 4 fatores (Rotação Varimax)

Itens	Componentes				h^2
	1	2	3	4	
9	.749				.656
22	.713				.597
6	.706				.539
29	.670				.466
30	.600				.365
14	.589				.572
45	.568				.352
5	.536				.298
4	.510				.416
34	.501				.354
17	.416				.276
25	-.394				.303
15	-.362				.283
23		.718			.533
7		.700			.495
19		.696			.492
41		.573			.341
11		.518			.383
37		.491			.427
35		-.477			.507
46		.469			.277
33		-.467			.467
21		-.464			.461
13		-.459			.415
27		.418			.370
1		-.404			.358
32		-.396			.293
43		.366			.246
28			.686		.493
36			.641		.480
8			.630		.485
20			.590		.372
16			.561		.332
2			.515		.290
3			.437		.214
31			.362		.235
44				.690	.503
42				.646	.656
24				.610	.535
26				.604	.477
18				.603	.399
38				.567	.438
12				.547	.593
39				.455	.318
40				.374	.314
10				.297	.225
Eigenvalues	7.06	5.79	3.52	2.54	
% da Variância	15.34	12.58	7.66	5.53	
% Total da Variância do IDS-R = 41.10%					

Na Tabela 4, pode observar-se que após o resumo e a redução dos dados, 41.10% da variância total do IDS-R são explicados por quatro fatores de

forma mais evidente, obtidos, através da rotação Varimax (rotação ortogonal, que de acordo com DeVellis (2005), tem como objetivo tornar os dados obtidos na análise fatorial, mais compreensíveis), tomou-se esta opção de reter quatro fatores, pois após a análise do *scree-plot* que indicou menos fatores a reter que os 14 iniciais, e por terem sido quatro fatores retidos por Skowron e Schmitt (2003), para o DSI-R, bem como os retidos por (Miranda, 2011; Rousselot, 2011) para o IDS-R. O critério de retenção dos itens para determinado fator tem em consideração o valor de saturação que cada item apresenta, em relação a cada um dos fatores, sendo sempre considerados os valores superiores.

Realizou-se a rotação *Varimax* optando-se por considerar apenas os itens com saturações superiores a .30. Após o que se verificou que o item 10 não saturava, acima de .30 para nenhum dos 4 fatores ponderados, foi realizada nova rotação com o critério de retenção dos itens reduzido para .25.

As comunalidades, também apresentadas na Tabela 4, representam a quantia de variância explicada pela solução fatorial para cada variável (Hair et al., 2005).

Pode comprovar-se através da análise da Tabela 4 que o fator 1 é composto por 13 itens, com saturações compreendidas entre -.362 e .749. Este fator quando comparado com o DSI-R de Skowron e Schmitt, (2003), indica que sete itens respeitam à subescala da Fusão com os Outros (9, 22, 29, 45, 5, 17, e 25), dois itens à subescala da Posição do “Eu” (4 e 15), e os restantes quatro itens (6, 30, 14, e o 34) à subescala da Reatividade Emocional que constam também da escala original.

O fator 2, formado por 15 itens com saturações indicadas entre -.469 e .718, quando comparado com o DSI-R de Skowron e Schmitt, (2003), indica que dois itens pertencem à subescala Reatividade Emocional (1 e 21), um item pertence à subescala de *Cut-off* Emocional (32), quatro itens à subescala da Fusão com os Outros (37, 46, 33 e 13), e os restantes oito itens à subescala Posição do “Eu” (23, 7, 19, 41, 11, 35, 27e 43), constantes da escala original.

No terceiro fator, constituído por oito itens com saturações posicionadas entre -.362 e .686, aponta um item pertencente à subescala Posição do “Eu” (31), e os outros sete referem-se à subescala de *Cut-off* Emocional (28, 36, 8, 20, 16, 2 e 3), que formam a escala original de Skowron e Schmitt, (2003).

Por fim, o último fator, apresenta 10 itens com saturações situadas entre .297 e .690, refere cinco item da subescala Reatividade Emocional (26, 18, 38, 40 e 10), quatro itens da subescala de *Cut-off* Emocional (42, 24, 12 e 39) e apenas um item da subescala da Fusão com os Outros que compõem o instrumento DSI-R de Skowron e Schmitt, (2003).

Infere-se assim, através da análise destes resultados, que existe alguma correspondência entre os fatores apresentados e os do instrumento original de Skowron e Schmitt (2003), apesar de não se ter obtido uma replicação da estrutura fatorial do instrumento original.

4.3. Estudos de Precisão: Consistência Interna

Seguidamente, apresentamos os resultados obtidos na análise da consistência interna do inventário, bem como, a correlação item-total corrigida e alfa de Cronbach com eliminação do item-total – IDS-R, valores expressos na Tabela 5.

Tabela 5

Correlação item-total corrigida e alfa com eliminação do item – IDS-R

Itens	Correlação-item total	Coefficiente alfa com eliminação do item
1	.222	.697
2	.169	.700
3	.113	.703
4	.195	.699
5	.310	.693
6	.406	.686
7	.014	.708
8	.375	.692
9	.415	.683
10	.263	.695
11	.136	.702
12	-.072	.714
13	.276	.695
14	.447	.687
15	-.214	.719
16	.242	.697
17	.331	.691
18	.293	.693
19	-.002	.710
20	.149	.701
21	.319	.693
22	.354	.688
23	-.030	.709
24	.148	.702
25	-.382	.726
26	.312	.693
27	.024	.709
28	.229	.698
29	.374	.688
30	.390	.688
31	-.084	.705
32	-.033	.711
33	.289	.695
34	.377	.688
35	.335	.693
36	.176	.700
37	.087	.706
38	.399	.688
39	.167	.700
40	.257	.695
41	.001	.708
42	.054	.707
43	-.044	.712
44	.277	.694
45	.272	.694
46	-.105	.703
Total do Coeficiente alfa de Cronbach da Escala = .704		

Segundo Almeida e Freire (2008), para se proceder à análise da consistência interna de escalas do tipo *Likert* pode recorrer-se à análise do alfa de Cronbach, esta análise reporta o grau de uniformidade ou de coerência entre as respostas dos indivíduos que constituem a amostra, a cada

um dos itens que compõem a escala. O valor apresentado neste estudo para a escala total situa-se em .704, valor adequado de acordo com Pestana e Gageiro³ (2003).

De forma a analisar se, excluindo qualquer um dos itens do IDS-R, o mesmo se poderia traduzir num aumento da consistência interna total da escala, foram examinadas as correlações item-total corrigidas e os valores do coeficiente de alfa de Cronbach com eliminação de determinado item. Conforme se pode verificar na leitura da Tabela 5, a exclusão de qualquer um dos itens do IDS-R neste estudo não altera de forma considerável o alfa de Cronbach total da escala. Ainda assim, verificou-se a existência de alguns itens que prejudicam a consistência interna total da escala (assinalados a itálico na Tabela 5), conforme refere Kline (1993), por pontuarem abaixo do valor mínimo desejável de .20 (e.g., itens 12, 19, 41 e 46).

4.4. Diferenciação do *Self* em casais: *t* de *Student*

Relativamente ao objetivo específico que remete para o estudo da diferenciação do *Self* em casais, o teste *t* de *student* demonstra não existirem diferenças estatisticamente significativas na diferenciação do *Self* para o sexo dos elementos do casal, ao considerar o resultado total do IDS-R.

Tabela 6

Resultado teste t de student: Itens IDS-R e Total

Item	Sexo Masculino (n=116)		Sexo Feminino (n=116)		<i>t</i> (230)	<i>p</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
1	4.56	1.18	4.21	1.24	2.222*	.027
10	4.50	1.27	4.05	1.33	2.626**	.009
18	4.02	1.36	3.60	1.34	2.327*	.021
19	4.23	1.45	4.59	1.25	-1.990*	.048
34	4.11	1.13	3.56	1.40	3.295**	.001
39	4.36	1.20	3.97	1.40	2.311*	.022
41	4.55	1.18	4.91	0.98	-2.536*	.012
43	3.53	1.32	3.18	1.22	2.065*	.040
45	4.17	1.40	3.73	1.59	2.233*	.027
46	1.96	0.88	1.65	0.77	2.858**	.005
IDS-R Total	4.17	0.40	4.12	0.34	1.002	.317

* $p < .05$ ** $p < .01$

³ Valores de Consistência Interna (alfa de Cronbach): inferior a .60 = inadmissível; entre .60 e .70 = fraco; entre .70 e .80 = razoável; entre .80 e .90 = bom; superior a .90 = muito bom.

Como podemos constatar pela Tabela 6, os resultados obtidos revelam que o resultado total do IDS-R não é estatisticamente significativo, $t(230) = 1.002$, $p = .317$. Neste sentido, podemos dizer que o sexo não parece influenciar o resultado total do IDS-R, visto o valor relativo à significância ($p=.317$) representa um valor sem significância estatística (Pallant, 2003).

No sentido de refinar o estudo apresentado e, uma vez que não existe uma correspondência total ao nível da estrutura fatorial obtida quer com a versão norte americana, quer com os estudos realizados para a população portuguesa, optou-se por analisar quais os itens que demonstrariam diferenças ao nível do sexo dos sujeitos.

No que concerne, ao teste t de *student* relativo aos itens do IDS-R, referenciados na Tabela 6, os itens 1 “As pessoas têm reparado que sou excessivamente emotivo(a)”, 10 “Gostaria de não ser tão emotivo(a)”, 18 “Por vezes, sinto muitos altos e baixos emocionais” e 34 “Sou muito sensível quanto a ser magoado por outros”, pertencem à subescala RE, os itens 19 “Não faz sentido aborrecer-me com coisas que não posso mudar”, 41 “Normalmente, faço o que acredito que é correcto independentemente do que os outros dizem” e 43 “Tendo a sentir-me bastante estável sob stress (sob pressão)”, pertencem à subescala PE, o 39 “Quando as coisas correm mal, falar sobre elas normalmente piora-as” à subescala CE e finalmente os itens 45 “Sinto que é importante ouvir as opiniões dos meus pais antes de tomar decisões” e 46 “Preocupa-me que as pessoas que me são próximas fiquem doentes, magoadas ou perturbadas”, à subescala FO. Optou-se por apresentar apenas os itens em que existem diferenças estatisticamente significativas, por questões relacionadas com limitações de espaço.

Denota-se que para os 10 itens com diferenças estatisticamente significativas, 8 apresentam uma média superior para o elemento masculino do casal. Ao longo deste estudo e com esta amostra podemos referir que existem diferenças entre homens e mulheres, em relação aos itens que se referem a questões emocionais; relativamente à subescala PE traduzem resultados diferenciados entre género; no que diz respeito ao *Cut-off* Emocional os resultados obtidos no item 39 demonstram diferenças significativas e por último os resultados de FO, revelam diferenças significativas entre homens e mulheres, nomeadamente, no que diz respeito aos problemas que possam afetar as pessoas mais próximas e a importância de as ouvir. Salientámos diferenças significativas entre homens e mulheres nalguns itens do IDS-R, contudo, tais diferenças não traduzem de uma forma geral diferenças significativas entre o género para no total do IDS-R.

V – Discussão

Cabe lembrar que o presente estudo tem como objetivo principal contribuir quer para os estudos de validade do Inventário de Diferenciação do *Self-Revisto* (IDS-R) para a população portuguesa, quer para um dos primeiros estudos acerca da Diferenciação do *Self* em casais no nosso país.

Neste estudo recorreu-se a uma amostra por conveniência, perfazendo um total de 232 sujeitos, 116 do sexo masculino e 116 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 19 e os 65 anos.

A amostra recolhida para o presente estudo revela uma faixa etária elevada (maioria entre 36 e 55 anos), em que nesta etapa da vida, a Fusão com os Outros é importante nesta população, quer pela preocupação com os filhos, quer com a família alargada, tal como, refere Alarcão (2000) "facilitar a saída dos filhos de casa, permitindo-lhes uma construção autónoma das suas próprias vidas; renegociar a relação de casal num contexto de reavaliação do casamento, do balanço profissional e individual; aprender a lidar com o envelhecimento, numa articulação permanente entre independência e dependência, primeiro com as gerações mais idosos e, depois, consigo própria" (p.186).

Desta forma, antes de apresentarmos os resultados obtidos, convém reforçar a natureza exploratória deste estudo, com recurso à versão traduzida do *Differentiation of Self Inventory-Revised* (DSI-R; Skowron & Schmitt, 2003) para a população portuguesa (Inventário de Diferenciação do *Self-Revisto*; IDS-R).

Segundo o postulado por Bowen (1978), numa relação, a sensação de sufoco pode ser indicativo de um baixo nível de Diferenciação do *Self*, podendo dar origem ao *Cut-off* Emocional na relação. No entanto, e atendendo às **estatísticas descritivas dos itens**, os itens 19 e 41 pertencentes à subescala da Posição do "Eu", e que segundo Rodríguez (2009) postulam a capacidade para equilibrar emoções e pensamentos, que envolvem a aptidão que os indivíduos têm para gerir a reatividade emocional e a importância da Posição do "Eu" numa relação, apresentam médias mais elevadas (para além do item 23 com a média mais alta).

No que concerne aos itens 45 e 46 possuem valores baixos. Os itens 45 e 46 pertencem à subescala Fusão com os Outros, poder-se-ão relacionar com um sentimento de proteção, e por outro lado, para não criar conflitos com os entes queridos, apresentando uma maior fusão e menor Diferenciação do *Self*, com as pessoas mais próximas. Assim sendo, os valores apresentados pelos itens 1, 10, 18 e 34 da subescala Posição do "Eu", reforçam uma menor capacidade de adotar uma posição do "Eu", bem como, uma menor Diferenciação do *Self*, com os entes queridos.

Seguidamente, iniciaremos a reflexão dos resultados de **análise fatorial**. Na análise fatorial, a percentagem de variância explicada neste estudo é de 41.10%, na qual se obteve uma estrutura de quatro fatores após a rotação *Varimax*, apesar de não se ter obtido uma estrutura fatorial igual ao DSI-R (Skowron & Schmitt, 2003). A mesma ficou bastante aproximada, quanto ao número de fatores que saturam nas respetivas subescalas, sublinhamos que o fator 1 ficou com 13 itens dos 11 originais, o fator 2, com 15 itens dos 11 originais, o fator 3, com 8 dos 12 originais e, por último o fator 4 com 10 itens dos 12 originais.

O fator 1 ao incluir um número reduzido de itens, relativos à subescala da Reatividade Emocional, destaca-se pelo elevado número de itens

pertencentes à Fusão com os Outros, relativos ao subsistema parental, que poderá estar relacionado com a importância da família em Portugal, como referido por Kellerhals e colaboradores, “a família e a vida conjugal abriga uma dupla tensão entre individualismo e fusão, entre mudança e continuidade” (1982, p. 135), apesar de tentarem manter uma clara Posição do “Eu”.

A configuração para o fator 2 pode ser explicada pelo facto de nos relacionamentos do casal, cada elemento da díade tentar manter uma clara Posição do “Eu”, contudo, as suas opções ao dependerem da comunhão da opinião do casal revelam, quando expostos a situações de maior tensão e stresse poderem originar atitudes mais reativas, traduzindo-se em geral, na falta de diálogo levando mesmo, ao distanciamento físico e emocional, inclusive da família de origem (Nichols & Schwartz, 2010).

A estrutura do fator 3 pode explicar-se pela tentativa dos elementos da díade em manterem uma sólida Posição do “Eu” em situações de forte tensão e stresse, sugerindo menos *Cut-off* Emocional e maior Diferenciação do *Self*.

Na análise do fator 4 podemos depreender que os indivíduos podem indiciar algumas dificuldades em separar os sentimentos das emoções e dos pensamentos, predizendo futuras atitudes mais reativas com os outros, assim como, fomentar distanciamento físico e emocional (Nichols & Schwartz, 2010), assim sendo, poderemos afirmar que na Fusão com os Outros (FO), emerge algum *Cut-off* Emocional.

No que concerne, ao estudo de evidência de precisão, o valor da **consistência interna** do IDS-R, baseada no valor de alfa de Cronbach obtido para a escala total foi de .704, valor adequado de acordo com DeVellis (2003). Este valor pode ser melhorado, à semelhança do ocorrido aquando da revisão do DSI-R com um total de (.92) Skowron e Schmitt (2003), através de revisões que permitam aperfeiçoar a sua consistência interna, bem como, a sua estrutura fatorial. Referencia-se ainda que o valor de alfa de Cronbach obtido para a escala total em Portugal foi de .858 (Miranda, 2011; Rousselot, 2011), um pouco acima do valor obtido para o presente estudo. No que concerne aos resultados dos coeficientes de correlação item-escala total para os 46 itens, observa-se que alguns que pontuam abaixo de .20 (Kline, 1993). Destes itens, o 7, 11, 31, 32, 41 e 46, apresentam, igualmente nos estudos realizados por Miranda (2011) e Rousselot (2011), correlações com o total da escala abaixo de .20, podendo este valor relacionar-se com alguma dificuldade na sua compreensão ou por pelo facto da amostra ser muito homogénea. Apesar dos níveis de consistência interna serem considerados bons para o total do IDS-R, itens mais problemáticos poderão ser aperfeiçoados através da sua reformulação.

Relativamente ao **estudo da diferenciação do *Self* em casais** e, pelo facto de as mulheres não apresentarem diferenças significativas comparativamente com os homens, tal resultado poder-se-á dever às habilitações académicas elevadas, e ainda, por terem profissões que se inserem nos quadros médios, tradutores de maior autonomia, desde a formação do casal. Assim sendo, a “formação do casal é a associação de

duas dinâmicas individuais que geralmente se parecem” (Bozon, 1991, p. 187) e ainda, segundo Bowen (1978), é um conceito em que as dimensões se entrecruzam e sofrem influências mútuas, com o intuito de provocar a estabilidade, mesmo quando os indivíduos são expostos a momentos de tensão e de stresse, o qual nos remete para a Posição do Eu e na maneira como reagimos ao meio envolvente e aos outros, bem como, o referido por Bowen (1978), em que a escolha do parceiro se relaciona com o nível de diferenciação do eu, em que os sujeitos tendem a eleger como parceiro, sujeitos com níveis de diferenciação semelhantes aos seus. Estes resultados são congruentes com o referido por Rodriguez (2009), suportando a ideia de não existirem diferenças estatisticamente significativas por género. No entanto, observaram-se algumas diferenças estatisticamente significativas para 10 dos 46 itens do IDS-R, com uma superioridade do valor da média para 8 desses itens no elemento masculino do casal.

A relação de casal expressa na nossa amostra infere-se como “um processo dinâmico, no qual o equilíbrio é um objetivo e uma aposta mais do que um adquirido, um movimento entre forças centrífugas e centrípetas, forças de atração e repulsão; as primeiras só se impõem às segundas através de negociações (*marchandages*), de avaliações cuja finalidade é a manutenção de reciprocidade de direitos e de deveres aceitável no seio do casal” (Michel, 1978).

Neste sentido diferenciar-se remete-nos para a afirmação da singularidade de cada sujeito, na sua, individualização, no seu direito de expressar-se e de pensar, autonomamente dos valores da sua família e dos sustentados pelo outro elemento do casal.

No que concerne, às vantagens do estudo, podemos referir que é mais um contributo para as investigações no âmbito do Inventário de Diferenciação do *Self*-Revisto, desta feita com casais, com vista a uma possível afinação dos itens que funcionaram menos bem, bem como a melhoria das propriedades psicométricas do IDS-R. Destacamos ainda o facto da amostra recolhida ser composta por mais de 100 casais.

No que diz respeito às limitações deste estudo, referenciamos a amostra apresentar muita homogeneidade tanto ao nível das habilitações como profissões e idade, revelando uma certa falta de representatividade de outras realidades. E ainda, pelo facto de a amostra não abranger dez sujeitos por item, o que iria possibilitar a realização de estudos de análise fatorial com uma possível maior estabilidade. No que concerne à questão relativa à satisfação com a relação, presente no protocolo, esta é colocada de uma forma demasiadamente generalista, não abrangendo outras situações mais específicas na relação, talvez por isso, ou por desejabilidade social, termos obtido resultados muito positivos nesta questão, com mais de 90% por sujeitos a afirmar-se como satisfeitos com a sua relação.

Para futuras investigações seria relevante fazer a análise fatorial e a análise de itens por sexo. Por outro lado, apesar de se ter recorrido ao rácio de cinco sujeitos por cada item do IDS-R, Pallant (2003) refere que este rácio é considerado como satisfatório para a realização da análise fatorial

com algum grau de confiança, contudo, a amostra, para futuros estudos deveria ser maior, menos homogénea e não apenas restrita à zona centro do país, bem como, contemplar o estudo das subescalas.

Assim, futuramente, seria relevante realizar um trabalho de aperfeiçoamento do IDS-R através do refinamento dos itens problemáticos, através de novos estudos dos itens e da realização de estudos de evidência de precisão e de validade do constructo, assim como, a necessidade da realização de estudos longitudinais com o objetivo de analisar qual a influência das variáveis familiares influem no resultado do IDS-R.

VI – Conclusões

O contributo deste estudo pauta-se, particularmente, pelo auxílio na consolidação do Inventário de Diferenciação do *Self*-Revisto para a população portuguesa.

A literatura consultada forneceu evidências prévias de que, embora existam diferenças nalgumas subescalas da Diferenciação do *Self*, por género, o mesmo não acontece com o resultado total do DSI/DSI-R (Skowron & Friedlander, 1998; Skowron & Schmitt, 2003). Tendo os estudos realizados por (Skowron & Friedlander, 1998; Skowron & Schmitt, 2003) com o DSI-R original, demonstrado, não existirem diferenças significativas, no que diz respeito, ao género, quando medida a Diferenciação do *Self* através do resultado total do instrumento. Neste mesmo sentido vão os resultados obtidos no nosso estudo.

No que diz respeito, aos resultados obtidos nesta investigação sugere-se a realização de novas investigações, centradas na recolha de uma amostra representativa da população portuguesa, bem como, a revisão dos itens de forma a ajustá-los à cultura portuguesa. Kline (1993) refere uma amostra constituída por um número mais elevado de inquiridos poderia aumentar a estabilidade fatorial e a consistência interna.

A estrutura original de quatro fatores, nesta amostra, revelou ser apropriada, contudo será importante proceder através de novas investigações, para que se possa considerar a hipótese de incluir ou não, um quinto fator, nomeadamente no que concerne, à Fusão com a Família, conforme propõe Miranda (2011). Assim sendo, estabelecida a estrutura fatorial mais ajustada poder-se-á fazer a análise do impacto das variáveis sociodemográficas, a partir das subescalas encontradas, o que representará um maior e melhor enriquecimento dos dados adquiridos.

Por outro lado, os resultados obtidos permitem dar resposta à nossa questão-problema, bem como, às questões de investigação inicialmente formuladas.

Verificamos que a utilização do IDS-R demonstrou ser uma boa ferramenta de ação e de investigação, pois ao aplicá-lo poderá ser percecionada a Diferenciação do *Self*.

Em suma, o presente trabalho poderá tornar-se relevante para dar continuidade ao estudo da Diferenciação do *Self*, como um construto

interpessoal e afetivo, numa perspetiva sistémica, que inclua o indivíduo, o casal e a família, uma vez que a teoria de Bowen (1978), continua a ser um dos marcos basilares da Terapia Familiar.

Bibliografia

- Alarcão, M. (2000). *(Des) Equilíbrios Familiares*. Coimbra: Quarteto.
- Alarcão, M., & Relvas, A. P. (2002). *Novas formas de família*. Coimbra: Quarteto.
- Almeida, L. S., & Freire, T. (2008). *Metodologia de investigação em psicologia e educação* (5ª ed.). Braga: Psiquilíbrios.
- Bowen, M. (1978). *Family therapy in clinical practice*. New York: Jason Aronson.
- Bowen, M. (1988). *La différenciation du soi, les triangles et les systèmes emotifs familiaux*. Paris: ESF.
- Calil, V. L. (1987). *Terapia familiar e de casal: introdução às abordagens sistémica e psicanalítica*. São Paulo: Summus.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cervený, C. M. (2000). *A família como modelo: Desconstruindo a patologia*. Campinas: Livro Pleno.
- Cervený, C. M., & Berthoud, C. M. (2002). *Pensando a família sistemicamente. Visitando a família ao longo do ciclo vital*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Charles, R., (2001). Is there any empirical support for Bowen's concepts of differentiation of Self, triangulation, and fusion? *The American Journal of Family Therapy*, 29, 279-292.
- DeVellis, R. F. (2003). *Scale development: Theory and applications* (2nd ed.). London: SAGE.
- Foley, V. D. (1990). *Introdução à terapia familiar* (J. O. Abreu, trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Hair, J. F. Jr., Anderson, Rolf E., Tathan, Ronald L., Black, William C., (2005). *Análise multivariada de dados* (5ª ed.). Porto Alegre: Bookman.
- Instituto Nacional de Estatística (2002). *Censos 2001: Resultados definitivos*. Disponível em: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=71467&DESTAQUESmo o=2
- Instituto Nacional de Estatística (2003). *Censos 2001: Antecedentes. metodologia e conceitos, IV recenseamento geral da habitação*. Lisboa: INE. Disponível em: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=11067301&PUBLICACOEsmodo=2
- Jenkins, S. M., Buboltz, W. C., Schwartz, J. P., & Johnson, P. (2005). Differentiation of Self and psychosocial development. *Contemporary Family Therapy*, 27, 251-260.
- Johnson P., Thorngren, J. M., & Smith A. J. (2001). Parental divorce and family functioning: Effects on differentiation levels of young adults. *The Family Journal*, 9, 265-272.
- Kellerhals, J. (1982). *Mariages au quotidien - Inégalités sociales, tensions culturels et organisation familiale*. Lausanne: Pierre Marcel Favre.

- Kellerhals, J., & Trutot, P. (1982). Divorce et modèles matrimoniaux - Quelques figures pour une analyse des règles d'échanges. *Revue Française de Sociologie*, XXIII.
- Kerr, M. E. (2003). *La historia de una familia. Un libro elemental sobre la teoría de Bowen*. Washington, DC: Centro de la familia de Georgetown.
- Kerr, M. E., & Bowen, M. (1988). *Family evaluation: An approach based on Bowen theory*. New York: W. W. Norton & Company.
- Kline, P. (1993). *The handbook of psychological testing*. London: Routledge.
- Knauth, D. G., & Skowron, E. A. (2004). Psychometric evaluation of the differentiation of Self inventory for adolescents. *Nursing Research*, 53(3), 163-171.
- Licht, C., & Chabot, D. (2006). The Chabot emotional differentiation scale: A theoretically and psychometrically sound instrument for measuring Bowen's intrapsychic aspect of differentiation. *Journal of Marital and Family Therapy*, 32(2), 167-180.
- McGoldrick, M., & Carter, E. (1982). The family life cycle. In Walsh, F. (Ed.), *Normal family processes* (Chap. 7, pp. 167-195). New York: Guilford.
- Miller, R. B., Anderson, S., & Keala, D. K. (2004). Is Bowen theory valid? A review of basic research. *Journal of Marital and Family Therapy*, 30(4), 453-466.
- Minuchin, S. (1979). *Familias en terapia*. Barcelona: Ed. Paidós.
- Minuchin, S. (1990). *Famílias, funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Minuchin, S., & Fishman, C. (1990). *Técnicas de terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Miranda, C. S. (2011). *Estudos de adaptação do inventário de diferenciação do Self-revisto para a população portuguesa: Impacto das variáveis sociodemográficas no resultado total* (Dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Nichols, M. P., & Schwartz, R. C. (1998). Bowen family systems therapy. In *Family therapy: Concepts and methods*, (4th ed., pp. 141-176). Boston: Allyn and Bacon.
- Nichols, M. P., & Schartz, R. C. (2010). *Terapia familiar: Conceitos e métodos* (7ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Pallant, J. (2003). *SPSS survival manual: A step by step guide to data analysis using SPSS for Windows* (version 12). Maidenhead, Berkshire: Open University Press.
- Papero, D. V. (1998). A teoria sobre os sistemas familiares de Bowen. In M Elkaim (Org.), *Panorama das terapias familiares* (E. C. Mellen, trad., Vol. 1, pp. 71-100). São Paulo: Summus.
- Peleg, O. (2008). The relation between differentiation of Self and marital satisfaction: What can be learned from married people over the course of life? *The American Journal of Family Therapy*, 36, 388-401.

- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2003). *Análise de dados para ciências sociais: A complementaridade do SPSS* (3a ed.). Lisboa: Sílabo.
- Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família: Perspectiva sistémica*. Porto: Afrontamento.
- Rodríguez, M. (2009). *El desarrollo afectivo y la construcción de la relación de pareja: estudio sobre la relación entre la Diferenciación del Self, la satisfacción marital y el funcionamiento familiar* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidad Pontificia Comillas: Diploma de estudios avanzados.
- Rousselot, M. (2011). *Inventário de Diferenciação do Self-Revisto: Estudos de tradução e adaptação para a população portuguesa e comparação com a versão espanhola* (Dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Simões, M. R. (2000). *Investigações no âmbito da aferição nacional do teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven (M.P.C.R.)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Skowron, E. A. (1995). *The Differentiation of Self Inventory: Construct validation and test of Bowen theory*. (Tese de Doutoramento não publicada). University of Albany.
- Skowron, E. A. (2000). The role of differentiation of Self in marital adjustment. *Journal of Counseling Psychology*, 47(2), 229-237.
- Skowron, E. A., & Friedlander, M. L. (1998). The differentiation of Self inventory: Development and initial validation. *Journal of Counseling Psychology*, 45(3), 235-246.
- Skowron, E. A., Holmes, S. E., & Sabatelli, R. M. (2003). Deconstructing differentiation: Self regulation, interdependent relating, and well-being in adulthood. *Contemporary Family Therapy*, 25, 111-129.
- Skowron, E. A., & Schmitt, T. A. (2003). Assessing interpersonal fusion: Reliability and validity of a new DSI fusion with others subscale. *Journal of Marital and Family Therapy*, 2(2), 209-222.
- Skowron, E. A., Van Epps, J. J., & Cipriano, E. A. (in press). Toward greater understanding of differentiation of Self in Bowen Family Systems Theory: Empirical developments and future directions. In C. Rabin & M. Mikulincer (Eds.), *Differentiation of Self: Theory, research, and clinical applications*.
- SPSS Inc. (2008). *Statistical Package for the Social Sciences* (Version 17.0 for Windows) [Software de Computador]. Chicago, IL: SPSS Inc.
- Tuason, M. T., & Friedlander, M. L. (2000). Do Parents' differentiation levels predict those of their adult children? And other tests of Bowen theory in a Philippine sample. *Journal of Counseling Psychology*, 47(1), 27-35. doi: 10.1037//0022-0167.47.1.27.
- Whitaker, C. A., & Bumberry, W. M. (1990). *Dançando com a família*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Williamson, D. S., & Bray, J. H. (1988). Family development and change across the generations: An intergenerational perspective. In C. J.

Falicov (Ed.), *Family transitions: Continuity and change over the life cycle* (pp. 357-384). New York: Guilford.

ANEXOS

Anexo A: Consentimento Informado



Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Universidade de Coimbra

INFORMAÇÃO AOS PARTICIPANTES

A presente investigação insere-se no âmbito de uma tese de Mestrado Integrado em Psicologia Clínica, na área de Sistémica, Saúde e Família da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra e tem por objectivo proceder aos estudos de adaptação e validação de um questionário para avaliar os seus pensamentos e sentimentos acerca de si próprio e das suas relações com os outros.

A participação neste estudo é **VOLUNTÁRIA** e será garantido o **ANONIMATO** e a **CONFIDENCIALIDADE** das suas respostas.

A sua colaboração neste estudo é muito importante, uma vez que permitirá proceder à validação de um questionário útil para a investigação desenvolvida na área da terapia familiar/sistémica no nosso país.

Chamamos a sua atenção para o facto de **não existirem respostas certas nem erradas** e, ainda que algumas questões lhe possam parecer semelhantes, é fundamental que responda a todas. **Por favor, leia com atenção todos os itens e não deixe nenhum em branco.**

Agradecemos desde já, a sua disponibilidade e colaboração neste estudo.

Caso pretenda receber algum esclarecimento adicional, por favor contacte-nos:

- José Pedro Dinis (Aluno de Mestrado Integrado-FPCE-UC)

E-mail: pedrocnokas@hotmail.com

CONSENTIMENTO

Eu, _____,
declaro ter sido informado sobre esta investigação, bem como das garantias de anonimato e confidencialidade. Assim, aceito responder ao protocolo que me foi apresentado.

_____, ____ de _____, de 201__

Anexo B: Questionário dos Dados Sociodemográficos



QUESTIONÁRIO SÓCIO-DEMOGRÁFICO IDS-R

1. DADOS PESSOAIS

Idade: _____ Anos

Género: Masculino _____ Feminino _____

Estado civil: Solteiro(a) _____
Casado(a) _____
União de facto _____
Separado(a) _____
Divorciado(a) _____
Viúvo(a) _____

Nacionalidade: _____

Residência: Localidade _____
Concelho _____

Nível de Escolaridade (indicar o último ano concluído):

Profissão:

2. COMPOSIÇÃO DO AGREGADO FAMILIAR

Indique as pessoas que compõem o seu **agregado familiar** (pessoas que habitualmente vivem em sua casa) (ex: namorado, marido, filha, irmão, pai, avó, neto):

Tem filhos? Sim _____ Não _____

Número de filhos: 1 _____ 2 _____ 3 _____ Mais de 3 _____

Idade(s) dos seus filhos:

3. RELAÇÕES INTERPESSOAIS

Tipo de relação: Namoro _____ Segundo Casamento _____

Duração da sua relação:

Menos de 1 ano _____
1-5 anos _____
5-10 anos _____
10-15 anos _____
15-25 anos _____
25-35 anos _____
Mais de 35 anos _____

De uma forma geral, encontra-se satisfeito(a) com a sua relação amorosa?

Sim _____ Não _____

Anexo C: Inventário de Diferenciação do *Self*–Revisto

IDS-R

INVENTÁRIO DE DIFERENCIAÇÃO DO SELF-REVISTO

(DSI-R; Skowron & Schmitt, 2003)

Estas são questões que se referem aos seus pensamentos e sentimentos acerca de si próprio e das suas relações com os outros. Por favor, leia atentamente cada afirmação e decida se esta é geralmente verdadeira para si, numa escala de 1 (nada) a 6 (muito). Se acha que uma afirmação não se aplica a si (por exemplo, actualmente, não está casado(a) ou comprometido(a) numa relação, ou um ou ambos os pais já faleceram), por favor responda à questão de acordo com o que lhe parece que seriam os seus pensamentos e sentimentos nessa situação. Certifique-se que responde a todos os itens e procure, dentro do possível, ser o mais sincero e preciso nas suas respostas.

	NADA VERDADEIRO PARA MIM					MUITO VERDADEIRO PARA MIM
1. As pessoas têm reparado que sou excessivamente emotivo(a).	1	2	3	4	5	6
2. Tenho dificuldade em expressar os meus sentimentos às pessoas que me são queridas.	1	2	3	4	5	6
3. Sinto-me, frequentemente, inibido(a) junto da minha família.	1	2	3	4	5	6
4. Tendo a manter-me bastante calmo(a), mesmo sob stress (sob pressão).	1	2	3	4	5	6
5. Normalmente, preciso de muito encorajamento por parte de outros quando começo um trabalho ou tarefa importante.	1	2	3	4	5	6
6. Quando alguém que me é próximo me desilude, afasto-me dele/dela por um tempo.	1	2	3	4	5	6
7. Independentemente do que aconteça na minha vida, sei que nunca perderei a noção daquilo que sou enquanto pessoa.	1	2	3	4	5	6
8. Tendo a distanciar-me quando as pessoas se aproximam demasiado de mim.	1	2	3	4	5	6
9. Quero corresponder às expectativas que os meus pais têm de mim.	1	2	3	4	5	6
10. Gostaria de não ser tão emotivo(a).	1	2	3	4	5	6
11. Normalmente, não altero o meu comportamento apenas para agradar a outra pessoa.	1	2	3	4	5	6
12. O(a) meu(minha) esposo(a)/companheiro(a) não toleraria se eu lhe expressasse os meus verdadeiros sentimentos sobre algumas coisas.	1	2	3	4	5	6

	NADA VERDADEIR O PARA MIM					MUITO VERDADEIR O PARA MIM	
	1	2	3	4	5	6	
13. Quando o(a) meu(minha) esposo(a)/companheiro(a) me critica, isso incomoda-me durante dias.	1	2	3	4	5	6	
14. Por vezes, os meus sentimentos tomam conta de mim e tenho dificuldades em pensar com clareza.	1	2	3	4	5	6	
15. Quando estou a ter uma discussão com alguém,-consigo separar os meus pensamentos acerca do assunto dos meus sentimentos para com essa pessoa.	1	2	3	4	5	6	
16. Sinto-me, frequentemente, desconfortável quando as pessoas se aproximam demasiado de mim.	1	2	3	4	5	6	
17. Sinto necessidade de aprovação de praticamente toda a gente na minha vida.	1	2	3	4	5	6	
18. Por vezes, sinto muitos altos e baixos emocionais.	1	2	3	4	5	6	
19. Não faz sentido aborrecer-me com coisas que não posso mudar.	1	2	3	4	5	6	
20. Estou preocupado(a) por perder a minha independência nas relações íntimas.	1	2	3	4	5	6	
21. Sou excessivamente sensível a críticas.	1	2	3	4	5	6	
22. Tento corresponder às expectativas dos meus pais.	1	2	3	4	5	6	
23. Aceito-me bastante bem.	1	2	3	4	5	6	
24. Sinto, frequentemente, que o(a) meu (minha) esposo(a)/companheiro(a) exige demasiado de mim.	1	2	3	4	5	6	
25. Concordo, frequentemente, com os outros apenas para não criar conflitos.	1	2	3	4	5	6	
26. Se tiver tido uma discussão com o(a) meu(minha) esposo(a)/companheiro(a), tendo a pensar nisso o dia todo.	1	2	3	4	5	6	
27. Sou capaz de dizer “não” aos outros mesmo quando me sinto pressionado por eles.	1	2	3	4	5	6	
28. Quando uma das minhas relações se torna muito intensa, sinto o impulso de fugir dela.	1	2	3	4	5	6	
29. Discussões com os meus pais ou irmão(s) ainda me conseguem fazer sentir terrivelmente.	1	2	3	4	5	6	
30. Se alguém está aborrecido comigo, não consigo aceitar isso facilmente.	1	2	3	4	5	6	

	NADA VERDADEIR O PARA MIM					MUITO VERDADEIR OPARA MIM
31. Estou mais preocupado(a) em fazer aquilo que acho que está correcto, do que em obter a aprovação dos outros.	1	2	3	4	5	6
32. Nunca consideraria voltar-me para algum dos membros da minha família na procura de apoio emocional.	1	2	3	4	5	6
33. Sinto-me, frequentemente, inseguro(a) quando os outros não estão por perto para me ajudar a tomar uma decisão.	1	2	3	4	5	6
34. Sou muito sensível quanto a ser magoado por outros.	1	2	3	4	5	6
35. A minha auto-estima depende realmente do que os outros pensam de mim.	1	2	3	4	5	6
36. Quando estou com o(a) meu(minha) esposo(a)/companheiro(a), sinto-me frequentemente sufocado(a).	1	2	3	4	5	6
37. Ao tomar decisões, raramente me preocupo com o que os outros irão pensar.	1	2	3	4	5	6
38. Pergunto-me, frequentemente, acerca do tipo de impressão que crio.	1	2	3	4	5	6
39. Quando as coisas correm mal, falar sobre elas normalmente piora-as.	1	2	3	4	5	6
40. Sinto as coisas mais intensamente que os outros.	1	2	3	4	5	6
41. Normalmente, faço o que acredito que é correcto independentemente do que os outros dizem.	1	2	3	4	5	6
42. A nossa relação poderia ser melhor se o(a) meu(minha) esposo(a)/companheiro(a) me desse o espaço de que necessito.	1	2	3	4	5	6
43. Tendo a sentir-me bastante estável sob stress (sob pressão).	1	2	3	4	5	6
44. Por vezes, sinto-me mal disposto(a) depois de discutir com o(a) meu(minha) esposo(a)/companheiro(a).	1	2	3	4	5	6
45. Sinto que é importante ouvir as opiniões dos meus pais antes de tomar decisões.	1	2	3	4	5	6
46. Preocupa-me que as pessoas que me são próximas fiquem doentes, magoadas ou perturbadas.	1	2	3	4	5	6

Tradução e adaptação de Cátia Miranda, Míriam Rousselot, Sofia Major e Ana Paula Relvas (2010) (Mestrado Integrado FPCE-UC).

Anexo D: Matriz inicial não rodada IDS-R (14fatores) e *Scree Plot*

Component Matrix^a

	Component													
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
Item 1	,546								,348					
Item 2	,375			,347	-,359									
Item 3				,309								-,488		
Item 4		-,614												
Item 5		,459			-,322					,441				
Item 6		,684												
Item 7	,495			-,356	-,384									
Item 8	,493			,449										
Item 9		,778						,361						
Item 10	,417				,353	-,380	-,326							
Item 11		-,449		-,330							,326			
Item 12		-,525	,520							,323				
Item 13	,643													
Item 14	,676	,338												
Item 15		,454										,438		
Item 16	,349			,446		-,495								
Item 17	,445				-,319	-,320							,438	
Item 18			,523					,365						
Item 19	,517			-,341										
Item 20	,416			,400										-,371
Item 21	,668													
Item 22		,740					,383							
Item 23	,547			-,438										
Item 24		-,504	,497			,394								
Item 25	-,487												,342	
Item 26			,574	-,307		,381								
Item 27	,439	-,331			,342									
Item 28	,484			,482										
Item 29	,351	,585				,315								
Item 30		,534												
Item 31	-,362						-,379						-,302	
Item 32	,368		-,350		-,378									
Item 33	,652								-,323					
Item 34	,472	,341												
Item 35	,699									-,338				
Item 36		-,349		,552		,361								
Item 37		-,374		-,471			,366							
Item 38	,343		,538							-,330				
Item 39		-,400	,354					,338			,455			
Item 40	,340		,332					-,320				,332		
Item 41	,468						,300							
Item 42		-,531	,596											
Item 43	,379				,479									
Item 44			,684							-,332				
Item 45		,567					,492	,333						
Item 46			,343		,496									

Extraction Method: Principal Component Analysis.

a. 14 components extracted.

Scree Plot

